

## ALFABETIZAÇÃO

# Oportunidade que faltava a mulheres de Nwamatibjana

**n** EVELINA MUCHANGA

**CONTINUAR com os estudos é a oportunidade que faltava juntar à trajectória de vida de Henriqueta Mucache, mulher de 46 anos que por diversas adversidades da vida viu-se excluída do direito de prosseguir com os estudos.**



Professora Alertina Xirindza orientado a turma do 3.º Ano



Alfabetizadas, mulheres buscam concretizar seus sonhos

**C**asou-se ainda nova, teve filhos e fê-los crescer. Contudo, ainda faltava-lhe o desejo de aperfeiçoar a leitura e escrita para perseguir o sonho de ser enfermeira que deixara na sua infância quando sentiu-se forçada a abandonar a escola.

É na busca de materializar o seu sonho que Henriqueta inscre-

veu-se nas aulas de alfabetização que decorrem há dois meses no seu bairro Nwamatibjana, posto administrativo de Matola-Gare, município da Matola, província de Maputo.

Encontrámo-la há dias sentada na esteira por debaixo de uma sombra frondosa de duas mangueiras. Com a caneta na mão e um olhar bem firme, Henriqueta

ia ouvindo atenta a professora a explicar sobre a multiplicação.

Exterioriza os seus sentimentos: "Estou me empenhando para ser enfermeira. Pode parecer absurdo por causa da minha idade, mas não vou desistir enquanto não conseguir", disse.

Henriqueta estudou em tempos até à 5.ª classe, mas porque não tinha uma escola perto de sua

casa para classes subsequentes, interrompeu os estudos.

"Na altura o meu pai não tinha condições financeiras para me pôr a estudar longe de casa e assim perdi as aulas. Por falta de exercício fui perdendo o pouco que havia aprendido", lamentou.

Sem poder continuar com os estudos, Henriqueta começou a trabalhar como empregada

doméstica e depois activista da Cruz Vermelha de Moçambique, actividade que abandonou quando foi ao lar há 30 anos.

Actualmente esta mulher vende hortaliças nas ruas de Nwamatibjana.

"Vou agarrar-me a esta oportunidade. Há muito que ansiava voltar à escola. Conto com o apoio do meu marido e filhos".

## Privilégio ímpar

**HENRIQUETA** é apenas exemplo de muitas outras moçambicanas que em tempos não puderam continuar com os estudos ou aceder à escola, mas que actualmente encontraram oportunidade de serem alfabetizadas.

Num encontro de reflexão sobre a educação da rapariga em Moçambique, realizado semana passada em Maputo, o Ministro da Educação e Desenvolvimento Humano, Jorge Ferrão, fez perceber que o problema do analfabetismo é típico de países menos desenvolvidos, tal como o nosso, que dá menos oportunidades à rapariga para se formar.

"Nestes países apenas um terço das crianças escolarizadas são meninas e dos mais de 900 milhões de adultos analfabetos dois terços são mulheres. A mulher analfabeta está desprovida de armas do saber para que se autodefenda e defina a sua própria vida. Por outras palavras ao ser negada a educação à mulher se incute de forma deliberada uma educação que faz dela uma pessoa submissa e que facilmente

aceita valores tais como casamento prematuro, o casamento forçado, a gravidez precoce e até a exploração sexual ou doméstica", observou o ministro.

É querendo inverter este cenário que a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) criou condições para que mulheres do Nwamatibjana tivessem a oportunidade de aprender a ler e escrever, oferecendo material didáctico e contratando professores para orientar as aulas.

As aulas são gratuitas, decorrem todos os dias úteis da semana das 12.00 às 14.00 horas, em duas turmas do primeiro e terceiro anos.

"É o horário que achamos ser melhor para a maioria, porque quase todas são donas de casa e não temos como leccionar à noite porque o bairro ainda não tem energia. Nas manhãs algumas dedicam-se à machamba, outras são comerciantes", justificou-se a instrutora Alertina Xirindza, que admira a força e determinação destas mulheres, que procuram dar um novo rumo às suas vidas.

## Com bebé ao colo as aulas prosseguem

COM o filho ao colo, Helena Alexandre, 35 anos, tem apoiado bastante neste percurso", disse Helena



coar a leitura e escrita para perseguir o sonho de ser enfermeira que deixara na sua infância quando sentiu-se forçada a abandonar a escola.

É na busca de materializar o seu sonho que Henriqueta inscre-

município da Matola, província de Maputo.

Encontrámo-la há dias sentada na esteira por debaixo de uma sombra frondosa de duas mangueiras. Com a caneta na mão e um olhar bem firme, Henriqueta

ser enfermeira. Pode parecer absurdo por causa da minha idade, mas não vou desistir enquanto não conseguir", disse.

Henriqueta estudou em tempos até à 5.ª classe, mas porque não tinha uma escola perto de sua

pôr a estudar longe de casa e assim perdi as aulas. Por falta de exercício fui perdendo o pouco que havia aprendido", lamentou.

Sem poder continuar com os estudos, Henriqueta começou a trabalhar como empregada

Actualmente esta mulher vende hortaliças nas ruas de Nwamatibjana.

"Vou agarrar-me a esta oportunidade. Há muito que ansiava voltar à escola. Conto com o apoio do meu marido e filhos".

actualmente encontraram oportunidade de serem alfabetizadas.

Num encontro de reflexão sobre a educação da rapariga em Moçambique, realizado semana passada em Maputo, o Ministro da Educação e Desenvolvimento Humano, Jorge Ferrão, fez perceber que o problema do analfabetismo é típico de países menos desenvolvidos, tal como o nosso, que dá menos oportunidades à rapariga para se formar.

"Nestes países apenas um terço das crianças escolarizadas são meninas e dos mais de 900 milhões de adultos analfabetos dois terços são mulheres. A mulher analfabeta está desprovida de armas do saber para que se autodefenda e defina a sua própria vida. Por outras palavras ao ser negada a educação à mulher se incute de forma deliberada uma educação que faz dela uma pessoa submissa e que facilmente

É querendo inverter este cenário que a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) criou condições para que mulheres do Nwamatibjana tivessem a oportunidade de aprender a ler e escrever, oferecendo material didáctico e contratando professores para orientar as aulas.

As aulas são gratuitas, decorrem todos os dias úteis da semana das 12.00 às 14.00 horas, em duas turmas do primeiro e terceiro anos.

"É o horário que achamos ser melhor para a maioria, porque quase todas são donas de casa e não temos como leccionar à noite porque o bairro ainda não tem energia. Nas manhãs algumas dedicam-se à machamba, outras são comerciantes", justificou-se a instrutora Albertina Xirindza, que admira a força e determinação destas mulheres, que procuram dar um novo rumo às suas vidas.



Helena Alexandre

## Com bebé ao colo as aulas prosseguem

COM o filho ao colo, Helena Alexandre, 35 anos, estava sentada na esteira junto a colegas para aperfeiçoar a leitura e a escrita. Casada e mãe de três filhos, esta mulher conta que apesar de ter um bebé pequeno e não ter com quem deixar não podia mais uma vez perder a oportunidade de estudar, daí que conversou com o marido, que não se opôs à sua formação.

"Há muito que precisava de voltar à escola. A criança não atrapalha em nada. É calma. Agradeço também a compreensão do meu marido, que me

tem apoiado bastante neste percurso", disse. Helena revelou que em tempos estudou até à 3.ª classe mas por falta de documentos de registo de nascimento não foi possível ela prosseguir com os estudos.

"Vivia com a minha mãe e ela não havia me registado. Fiquei em casa a dedicar-me a trabalhos domésticos até que aos 18 anos fui ao lar. Graças a esta oportunidade já consigo ler, escrever e fazer contas sem muitas dificuldades. É uma conquista para mim", animou-se Albertina, que tem a matemática como a sua disciplina favorita.

## Aliviada por saber escrever o nome

COM 27 anos de vida, Laura Alberto não sabia ler nem escrever, porque nunca tinha frequentado a escola, até que começou a participar nas aulas de alfabetização no bairro Nwamatibjana. Aqui, aprendeu, pela primeira vez a escrever o nome dela.

Órfã de mãe desde tenra idade, Laura nasceu e cresceu em Morrumbene, província de Inham-

bane, sob os cuidados do pai. Aprender a leitura e a escrita está a mudar muito a vida desta jovem, mãe de dois filhos. Comemora: "É uma vitória e alívio saber escrever o meu nome".

Justificou que vezes sem conta teve que enfrentar situações constrangedoras quando as pessoas que não a conheciam se admiravam ao se aperceber que

apesar de jovem não sabia sequer escrever o nome.

Entusiasmada, Laura diz que a busca dela pela instrução formal não vai terminar na alfabetização. "O meu objectivo é prosseguir com os estudos. Sei que não será fácil porque estou no lar e tenho crianças pequenas, mas vou criar condições para seguir os meus planos".



Laura Alberto

## Peca por ser tardia

HÁ muito tempo que Cecília Miguel, 65 anos, esperava ser alfabetizada para pelo menos saber escrever o seu nome e ler. Conta que quando se ia casar levou dias para ensaiar a escrever o seu nome. Foram tantos papéis rasgados até acertar o mínimo.

"A escola ajuda e muito. Actualmente escrevo o meu nome com muita facilidade, até posso escrever de olhos fechados", brincou.

Mãe de oito filhos, Cecília vê na alfabetização uma forma de melhorar a sua qualidade de vida, pois já não vai depender de terceiros para estar informada sobre diversos assuntos.

"Já tenho problemas de vista, por isso não poderei ir muito longe nos estudos. Contudo se tivesse tido esta oportunidade há 40 anos, por exemplo, hoje

seria médica", lamentou.

Esta mulher de terceira idade fez saber que em tempos poucas eram as famílias que tinham as suas filhas na escola, não porque os outros pais não quisessem que as filhas estudassem mas muitos ainda não haviam se apercebido do valor da escola para a rapariga.

"As meninas eram educadas para serem donas de casa e não para serem trabalhadoras e independentes. Aconselho aos pais para que incentivem as filhas a irem à escola para que no futuro tenham oportunidades de escolha do rumo que queiram dar às suas vidas".

Para esta mulher, não há idade-limite para que a pessoa busque instrução escolar. O importante é que haja força e vontade para isso.

